

Ministério de Minas e Energia
Assessoria de Comunicação Social – ASCOM

Destaque: (em negrito) Matérias que citam o Ministro Bento Albuquerque ou o MME:

Sumário

VEÍCULO: Valor Econômico	1
Título: BNDES prevê privatizar CEEE-D e CEB em 2020	1
Título: Destaques	3
Título: Petróleo e minério fecharam maio com fortes recuperações	4
VEÍCULO: O Estado de S. Paulo	5
Título: E o que mais agora?	5
VEÍCULO: O Globo	7
Título: Energia que vem da luz do sol	7

VEÍCULO: Valor Econômico

Data: 01/06/2020

Seção: Empresas

Autor: Taís Hirata — De São Paulo

Título: BNDES prevê privatizar CEEE-D e CEB em 2020

Mesmo em meio à pandemia, o BNDES acredita ser viável realizar ainda em 2020 ao menos dois leilões de distribuidoras de energia: a Companhia Estadual de Energia Elétrica (CEEE-D), do Rio Grande do Sul, e a Companhia Energética de

Brasília (CEB), segundo Leonardo Cabral, diretor de privatizações do banco de fomento.

Os estudos para as duas desestatizações estão em fase final e, em seguida, seguirão para aprovação dos governos estaduais. A projeção é fazer as concorrências no quarto trimestre - obviamente, se houver condições de mercado, diz ele.

“São ativos estratégicos e com perspectiva de maturação de longo prazo. Acredito que haverá interesse de diferentes investidores, sejam estratégicos, sejam financeiros”, afirma.

A carteira de privatizações do BNDES - que não engloba projetos de concessões, apenas de venda de estatais - inclui ainda outros seis companhias estaduais.

Na área de energia elétrica, há planos de leiloar também a CEEE-GT, braço de geração e transmissão da companhia gaúcha.

Cada divisão, porém, será vendida separadamente, após a constatação de que atrairiam perfis diferentes de investidores - os ativos de geração da CEEE formam um pacote relativamente pequeno, enquanto o braço de transmissão é um dos maiores do país. Como houve necessidade de uma cisão, o processo evoluiu mais lentamente em relação ao da distribuidora, e por isso deverá ocorrer apenas em 2021.

No setor de gás natural, há duas privatizações previstas no pacote do banco: a MSGás, do Mato Grosso do Sul, e a Sulgás, também do Rio Grande do Sul.

Para completar, foi incluída na carteira, na última semana, a Companhia de Saneamento de Minas Gerais (Copasa), o único ativo de saneamento alocado na diretoria de privatizações - as demais estatais do setor foram estruturadas pela diretoria de concessões e Parcerias Público Privadas (PPPs) do banco.

“A Copasa, por ser uma empresa de capital aberto, acabou ficando nesta diretoria, após uma análise preliminar”, diz Cabral. A avaliação, porém, é inicial, e os estudos técnicos deverão comparar diferentes modelagens. Ainda não há um cronograma para o processo da companhia mineira.

Para o diretor, há uma facilidade maior na privatização de distribuidoras de energia - setor no qual o banco já tem grande experiência, após a sequência de leilões de distribuidoras que eram da Eletrobras.

“O setor de energia é regulado há mais tempo, tem modelagem mais fácil em comparação com os demais. Agora, setores que dependem a aprovação de

novos marcos regulatórios, como saneamento e gás, são mais complexos na estruturação”, afirma.

Além dos oito projetos em estudo, Cabral afirma que há conversas para a inclusão de outras duas companhias estaduais. “A procura de Estados por privatizações já estava em alta antes da crise. Agora, esse movimento pode até se acelerar”, avalia.

VEÍCULO: Valor Econômico

Data: 01/06/2020

Seção: Empresas

Autor:

Título: Destaques

CSN para alto-forno 2

A Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) informou que foi programada para sexta-feira a paralisação temporária do alto-forno 2, localizado na usina de Volta Redonda (RJ), visando adequar a produção de aço à demanda de mercado, prejudicada pela crise do novo coronavírus. O forno tem capacidade nominal de 1,5 milhão de toneladas anuais. As demais unidades da companhia e de suas controladas no Brasil, Alemanha e Portugal permanecem com suas atividades normalizadas, sem impactos operacionais relevantes, de acordo com o comunicado da empresa.

Petrobras conclui venda

A Petrobras concluiu na sexta-feira a venda de sua participação em sete campos de produção terrestres por R\$ 676,8 milhões. Os campos, localizados na Bacia Potiguar, no Rio Grande do Norte, foram comprados pela SPE 3R Petroleum, subsidiária da 3R Petroleum e Participações. O valor pago inclui ajustes previstos no contrato. A Petrobras detinha 100% de participação em seis dos sete campos (Aratum, Macau, Serra, Salina Cristal, Lagoa Aroeira e Porto Carão). No campo de Sanhaçu ela era dona de 50%. Em comunicado, a Petrobras diz que a operação está alinhada à estratégia de otimização de portfólio e melhor alocação de capital, passando a concentrar cada vez mais seus recursos em águas profundas e ultra-profundas.

Linhão atrasado

O presidente da Eletrobras, Wilson Ferreira Júnior, informou que o projeto da linha de transmissão entre Manaus (AM) e Boa Vista (RR) está interrompido por causa da covid-19. De acordo com ele, a retomada das obras, prevista para

junho, vai atrasar. “O cuidado que nós temos com os índios está impedindo de seguir de forma célere o licenciamento ambiental que estava em curso”, explicou Ferreira Júnior. A expectativa dele é de que o processo de licenciamento ambiental esteja concluído na metade do segundo semestre.

VEÍCULO: Valor Econômico

Data: 01/06/2020

Seção: Empresas

Autor: Ana Paula Machado — De São Paulo

Título: Petróleo e minério fecharam maio com fortes recuperações

O mês de maio trouxe recuperação nos preços das commodities. As cotações de petróleo e minério de ferro apresentaram aumento de 36,6% e 10,4%, respectivamente. Segundo analistas, essa melhora aconteceu principalmente por causa da queda expressiva dos preços no mês de abril, considerado o pico da pandemia no mundo.

No caso do preço do Brent, o barril foi cotado para os contratos de junho a US\$ 34, 53 na sexta-feira. Em relação ao dia anterior, a queda foi 2,15%. Já no ano, o recuo é de quase 50%, 47,7%. Nem a melhora no mês de maio reduziu a trajetória de queda nos preços.

Gabriel Francisco, analista de petróleo da XP Investimentos, disse que maio trouxe calma no mercado, com a medida dos cortes de produção dos países membros da Organização dos Países Exportadores de Petróleo (Opep) “tomando corpo”. “Abril foi o caos absoluto. Além de não se ver os cortes de produção dos países da Opep, foi o pico da quarentena no mundo. Foi a tempestade perfeita.”

Pelo acordo, firmado em abril, até 30 de junho os cortes serão de 9,7 milhões de barris por dia. De junho até dezembro, serão de 7,6 milhões de barris/dia e a partir de 2021 até 2022, os países da Opep devem produzir 5,6 milhões de barris por dia a menos.

“Entramos em maio com os cortes de produção tomando corpo. E vemos uma recuperação lenta e uma reabertura gradual na Europa e nos Estados Unidos que pode-se considerar que passou o pior momento”, afirmou o analista.

Segundo ele, nos EUA os estoques estão diminuindo, o que mostra uma recuperação da atividade. “Sinalizando retomada de demanda e a sua

normalização. Já temos conversas pelo mundo para o fim da quarentena e com isso podemos voltar com a atividade econômica. Foi um mês bastante forte por causa desse otimismo.”

Já o preço do minério de ferro no mercado transoceânico subiram “acentuadamente” devido às preocupações com fornecimento do Brasil. As cotações da commodity com teor de 62% de ferro aumentaram 5,5% na sexta-feira, para US\$ 102,39 a tonelada, no porto de Qingdao, segundo a publicação especializada, “Fastmarkets MB”.

No mês, a alta foi de 10,4% em relação a abril. Já no ano, os preços ainda caem 4,5%. O analista de mercado e especialista em siderurgia e mineração da Mirae Asset, Pedro Galdi, disse que qualquer sinalização de que a Vale, Rio Tinto ou BHP podem parar a produção vai afetar positivamente os preços. “A China não parou a siderurgia totalmente por causa da pandemia, o estoque de minério foi consumido. Nesse mês, o mercado está se antecipando ao risco de parada. Vamos ter um segundo trimestre muito ruim para a economia. O terceiro trimestre deve melhorar aos poucos, e gradativamente vamos ver uma recuperação da atividade econômica do mundo.”

Segundo Galdi, o preço do minério não deve se manter no patamar de US\$ 100 a tonelada. “A faixa normal é entre US\$ 80 a US\$ 90.”

VEÍCULO: O Estado de S. Paulo

Data: 01/06/2020

Seção: Colunas

Autor: Moisés Naím

Título: E o que mais agora?

A covid-19 é a coisa mais importante que está acontecendo para todo o planeta. Mas há outras coisas também ocorrendo, que embora sem o alcance e as consequências da pandemia, revelam tendências mundiais que afetarão toda a sociedade. Muitos gafanhotos. Eles são uma das piores pragas de que fala a Bíblia. Felizmente não são frequentes. No século 20, houve cinco surtos que devastaram as colheitas e deixaram a carestia no seu rastro. No fim do ano passado, o surto mais feroz dos últimos 25 anos se deu no deserto de Rub' al-Khali, na Arábia Saudita, um dos lugares mais remotos e isolados do mundo.

Os insetos deste surto são mais jovens do que os de costume, voam em uma velocidade maior e podem percorrer até 200 quilômetros em um só dia. Sua população se multiplica por 20 a cada três meses. No Quênia, um enxame estimado em 192 bilhões de gafanhotos alcançou uma dimensão três vezes

maior do que a da cidade de Nova York. Em um único dia, um enxame de tamanho regular chega a devorar uma colheita que poderia alimentar 35 mil pessoas.

A crise atual dos gafanhotos é também mais internacional. Saída da Península Arábica, atacou a África. Agora está devastando a agricultura da Índia, Paquistão e Afeganistão. A causa? Os ciclones que geram as condições de umidade propícia à reprodução dos gafanhotos. Antes, nas zonas de onde os enxames se originam, ocorria apenas um ciclone por ano e nenhum durante longos períodos. Nestes tempos, no mundo, não se registra apenas uma presença excessiva de gafanhotos, como também há petróleo em demasia. Com as economias fechadas, a metade dos trabalhadores formais do mundo em suas casas e o transporte severamente restrito, o consumo de petróleo caiu enormemente.

Amy Jaffe, especialista em política energética, calcula que o excesso de petróleo acumulado em 2020 pode superar os bilhões de barris. Este petróleo bruto precisa ser armazenado, e a capacidade existente no mundo está chegando ao limite. Desse modo, hoje a cotação do petróleo é a mais baixa dos últimos 18 anos. As consequências deste fato para o futuro da energia no mundo são enormes. Investir em energia agora é menos atraente, por exemplo. A Agência Internacional de Energia acaba de informar que este ano ocorreu a maior queda da história dos investimentos no setor. Não só baixaram os investimentos em carvão, petróleo e gás, mas também em fontes renováveis, como energias solar e eólica.

A falta de investimentos acabará reduzindo os volumes produzidos, provocando a subida dos preços. Mas, enquanto isto acontece, os preços baixos levaram à falência as empresas de energia que operam com altos custos de produção ou têm uma situação financeira precária. Além disso, países como Arábia Saudita, Rússia, Irã, Nigéria ou Venezuela, cujas economias dependem quase exclusivamente da exportação de gás e petróleo, sofrerão uma crise econômica debilitante que poderá causar turbulências políticas internas ou alimentar conflitos internacionais. Hong Kong morreu. Não por causa do vírus, mas por causa dos líderes chineses.

A Assembleia Nacional Popular da China acaba de aprovar uma lei de segurança nacional que proíbe atividades como “traição, secessão, sedição, e subversão” em Hong Kong. Agora, o governo de Pequim pode intervir quando quiser no território, reprimindo toda atividade que considerar uma ameaça e ignorando as autoridades eleitas. Inevitavelmente, o papel crucial que até agora Hong Kong desempenhou como um dos pilares da economia da China declinará. A China tem um território de 9,3 milhões de quilômetros quadrados e 1,4 bilhão

de habitantes. Hong Kong tem 110 quilômetros quadrados e 7,5 milhões de habitantes.

Como é possível que uma cidade tão pequena seja tão ameaçadora para um país tão gigantesco? É que de repente a China experimenta um imenso apetite pela hegemonia mundial. Durante muito tempo, as autoridades chinesas insistiram que o restante do mundo não tem o que temer com o auge econômico ou com a crescente influência do seu país. A prioridade nacional, afirmavam, era tirar da pobreza tantos dos seus compatriotas quantos fosse possível e no menor tempo possível. Mas, ultimamente, começaram a aparecer sintomas de que o sucesso econômico abriu o apetite geopolítico dos líderes de Pequim. / TRADUÇÃO DE ANNA CAPOVILLA

VEÍCULO: O Globo

Data: 01/06/2020

Seção: Economia

Autor:

Título: Energia que vem da luz do sol

Mesmo com a pandemia, a produção de energia solar continua em alta no país: em maio, cresceu 5,2% em relação a abril

Que a luz do sol é capaz de gerar eletricidade de modo eficiente, seguro e limpo, sem emitir gases, ruídos e resíduos, não há mais quem duvide em pleno século 21. Mas o senso comum ainda alimenta a ideia de que a energia solar não tem viabilidade econômica, sobretudo em pequena escala. A redução progressiva de preços vem provando, porém, que essa é uma alternativa energética que pode servir a empresas e residências, com ganhos de médio e longo prazo em relação ao uso de fontes convencionais.

A produção de energia fotovoltaica a partir da luz solar é autorizada aos consumidores empresariais e domiciliares desde 2012. A Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel) também instituiu, na regulamentação, a pequena geração distribuída, com a qual o produtor pode fornecer sobras de eletricidade à rede da concessionária de sua região. Em troca, recebe créditos de energia, que, no caso da geração solar, pode ser usada quando a produção for menor que o consumo, à noite ou em dias de chuva.

Oito anos depois do sinal verde, cerca de 300 mil sistemas de geração distribuída (GD) estão conectados às redes das companhias elétricas, de acordo com Associação Brasileira de Energia Solar Fotovoltaica (Absolar). A potência instalada desses sistemas (micro e mini) chega a quase 3GW (Gigawatts), suficientes para abastecer 1,2 milhão de moradias. Somadas as usinas

comerciais, a capacidade nacional de geração solar beira 6GW (três vezes mais que a da geração nuclear), num cenário em que o preço de produção já caiu a um quinto do valor de 2013.

Mesmo com a pandemia de covid-19, a produção de energia solar continua em alta, segundo a Absolar. Em maio, a instalação de sistemas solares de GD cresceu 5,2% em relação ao número de abril, dando curso a uma escalada que acumula aportes de R\$ 14,6 bilhões nesse tipo de geração desde 2012. A associação prevê que o segmento seguirá em expansão nos próximos anos - perspectiva que abre oportunidades em várias frentes da cadeia de produção, incluídas empresas de representação de fabricantes e de instalação de sistemas.

TAMANHO E CAPACIDADE

A geração fotovoltaica emprega painéis em que átomos de silício reagem à radiação solar, produzindo energia de corrente contínua, convertida em alternada para o uso. Com preços condicionados pelo tamanho e capacidade, os sistemas de GD exigem não só área livre e ensolarada para os painéis, mas também nível de consumo que justifique o investimento. “Ideal é que seja de 300 quilowatts (KW) para cima”, avalia Reinaldo von Dollinger, sócio da Seven Energia, uma das instaladoras do estado do Rio de Janeiro.

Além da economia no médio e longo prazo, característica oportuna em face da expectativa de aumento das contas após o socorro às companhias pretendido pelo governo, a oferta de crédito especial para sistemas solares, em vários bancos, favorece essa tecnologia. Para uma família de quatro pessoas, com conta de R\$ 500 por mês, von Dollinger estima que um sistema de 450 KW sairia por R\$ 23 mil. Financiados em 72 meses, teriam parcelas mensais na faixa de R\$ 430, enquanto a conta, no valor mínimo, cairia a R\$ 110. Em 30 anos, ele prevê, a redução somaria mais de 140 mil em economia.

Em uma padaria de médio porte com gasto de eletricidade no patamar de R\$ 11 mil, um sistema de 9.900 KW, ao custo de R\$ 359 mil, pode ser amortizado em 72 parcelas de R\$ 7,2 mil, dá outro exemplo o sócio da Seven Energia, sediada em Teresópolis (Região Serrana).

MME / ASCOM .